

Noite com Anna

Por Nei Franclin, 2015

Estou feliz, mas estou triste. Faço tudo para fazer sentido às coisas que escolho, das mais razoáveis às que dependo para sobreviver. Não culpo ninguém pelas loucuras de minha cabeça. Anoto algumas coisas que observo.

Ontem fui dormir um e acordei outro. Dormi com Anna, que tem como trabalho dormir com estranhos, conversar e gravar o que o outro tem a dizer no momento que antecede fechar os olhos e adormecer.

Como você se sente? O que achou? Anna me perguntou pela manhã. "Não sei", "foi uma noite diferente", disse.

Eu sabia que não podia arrancar meus olhos como ela conseguia arrancar palavras, histórias e momentos vividos há muito tempo ou no dia anterior. Eu tinha que ficar olhando no escuro do quarto e falar sobre uma imagem, um sonho, buscar na memória alguma coisa e falar para uma estranha no escuro da memória, na minha cama, por uma hora ou mais, deixando os corpos quase esquecidos, aquecidos, silenciando calmamente na noite calada até sumir.

O que Anna busca? Não sei. Não vou perguntar a ela.

Acordei com seu barulho pela casa quando voltava do banheiro. Deitou-se novamente ao meu lado no sofá-cama ligou a câmera e começou a filmar a luz do sol através da porta de vidro e dizia que o enquadramento era perfeito e a luz era linda.

Perguntei se ela havia dormido bem e ela disse "super"! Fiquei em silêncio porque ela continuava a filmar a luz do sol que ia e voltava no enquadramento perfeito. Enquanto eu tentava dormir mais um pouco com uma camiseta preta sobre os olhos na tentativa de voltar para algum sonho. Não consegui. Disse bom dia, beijei seu ombro e fui para a cozinha preparar alguma coisa pra gente comer.

Não deixei de notar que fazia parte desse momento uma estranha suavidade de desejo suspenso de pertencer ao outro. Talvez a palavra seja outra. Estou um pouco desfocado agora. A imagem, por exemplo, ela existe para confundir, por isso a conversa é no escuro? É uma tentativa. É um outro espaço. Quero dizer que é preciso olhar nos olhos quando conversamos mesmo no escuro, mesmo desajeitados, reinventados na nova cama, nus de apego, sem obsessão, sem medo, porque aquele lugar não era mais só meu. De passagem, eu e Anna, andamos por toda parte, tecendo e colhendo um pouco de um e de outro, afetos, acidentes, criando fins momentâneos, constantes e eternos como a vida e a morte.

E nessa noite tentamos inventar uma maneira de viver das 23:00 de domingo até as 11:30 de segunda como se nos conhecêssemos há muito tempo.

Se Anna me perguntasse novamente o que achei, diria que não sei.

Nei Franclin

São Paulo, 6, 7 e 8 outubro 2015